

# “O Corpo Nasce de uma Identidade”: reflexões sobre a construção do corpo em experiências transgênero

ISABEL WITTMANN

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

**DOI** 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p86-107

**resumo** Esse artigo explora aspectos sobre a construção do corpo relacionada ao gênero enquanto performatividade. O ponto de partida são relatos etnográficos que envolvem a experiência transgênero, capaz de expor a artificialidade dos próprios corpos. A partir daí discute a inexistência de um corpo em estado natural e a arbitrariedade das definições de masculinidades e feminilidades, apresentando a noção de ciborgue como uma possibilidade de analisar intervenções, sejam elas cirúrgicas, hormonais ou outras ainda. Assim, destaca a relação entre corpos e subjetividades e os conflitos transfóbicos provenientes das normativas em torno deles. Por fim, é possível, com isso, questionar o olhar patologizante sobre as alterações corporais quando em narrativas de transgeneridade.

**palavras-chave** corpo, gênero, transgeneridade

**“The body is born of an identity”: reflections on the construction of the body in transgender experiences**

**abstract** This article explores aspects about the construction of the body related to gender as performativity. The starting point are ethnographic reports about transgender experience, capable of exposing the artificiality of the bodies themselves. Then it discusses the inexistence of a natural body and the arbitrariness of the definitions of masculinities and femininities, presenting the notion of cyborg as a possibility to analyze interventions, be they surgical, hormonal or others. Thus, it highlights the relation between bodies and subjectivities and the transphobic conflicts coming from the norms around them. Finally, it is possible, with this, to question the pathological look at the body changes when in transgender narratives.

**Keywords** body, gender, transgender.

## O corpo natural ausente

Esse artigo busca refletir sobre a construção da corporalidade relacionada às experiências presentes nas falas<sup>1</sup> de minhas interlocutoras e interlocutores, pessoas transgênero<sup>2</sup>, obtidos em trabalho de campo realizado entre janeiro de 2013 e fevereiro de 2016 na cidade de Manaus. Dentre elas, todas que identificaram seu local de nascimento são da própria cidade, com exceção de uma, que apesar de ser do interior do estado de São Paulo, reside há muitos anos no local.

Embora tenha tentado encontrar-me pessoalmente com as interlocutoras e os interlocutores, apenas dois deles o aceitaram. A maior parte preferiu o contato por meio da rede social *Facebook* e o aplicativo *Whatsapp*<sup>3</sup>, em virtude de questões familiares envolvidas. Muitas delas têm problemas de relacionamento com suas famílias, que vão do ocultamento ou negação da identidade de gênero, passando pela luta pela possibilidade de encontrar com filhos à expulsão da casa dos progenitores.

Dessa forma, tomei o ciberespaço como um local da troca e da sociabilidade (PARREIRAS, 2009, p. 344). Em virtude do temor do reconhecimento por parte de algumas interlocutoras, os nomes utilizados no corpo do trabalho são fictícios. Trata-se de um cuidado ético que deve ser preservado mesmo sem o encontro físico com elas (ÁVILA, 2014, p.54). Além disso, tive acesso também às postagens feitas nos perfis pessoais, que não foram utilizados diretamente no trabalho, já que não faziam parte das conversas acordadas, mas que me ajudaram a inserir interlocutoras e interlocutores no seu contexto cotidiano, captando suas ideias e posicionamentos.

O uso da internet como ferramenta da comunicação é significativo, pois cria um recorte específico no que diz respeito à classe social. As pessoas que participaram da pesquisa pertencem a camadas médias urbanas, têm acesso à educação e são ou profissionais formadas ou estão em formação. Esse dado é importante porque é um recorte bastante específico da pesquisa, devendo ressaltar que não são todas as pessoas transgênero de Manaus que pertencem a essas mesmas classes médias. Como consequência, as interlocutoras e os interlocutores são pessoas que acessam bens culturais e também, em maior ou menor grau, têm contato com páginas e/ou grupos de militância política, especialmente LGBTI<sup>5</sup>, que funcionam como uma rede de apoio e de troca de informações. Com isso se confirma o que Maria Luiza Heilborn (1999) chama de “difusão da ideologia moderna numa presumível

---

<sup>1</sup> Artigo baseado na dissertação “Corpo, gênero e identidade: experiências transgênero na cidade de Manaus”, defendida em 2016 sob orientação de Márcia Regina Rufino e coorientação de Fátima Weiss de Jesus, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, com recursos de bolsa de pesquisa provida pela FAPEAM.

<sup>2</sup> O termo transgênero diz respeito às pessoas que se identificam com o gênero oposto ao que lhes foi designado em seu nascimento.

<sup>3</sup> Aplicativo de celular que permite troca instantânea e gratuita de mensagens.

<sup>5</sup> Movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexo. Sobre as atribuições da sigla, ver FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. São Paulo: Garamond, 2005.

cultura holista vigente nos segmentos médios”. Minha preocupação vai menos no sentido de “estilo de vida” (VELHO, 1998, p.11) e mais no que Heilborn chama de “construção da pessoa” em uma “sociedade complexa e heterogênea” (HEILBORN, 1999).

As interlocutoras e os interlocutores têm idades que variam entre 18 e 40 anos. Em termos étnicos, há equilíbrio entre aquelas que se identificam como negras e como brancas. Somente uma se identificou como parda. Por fim, as seguintes categorias foram acionadas quando se pediu a auto-identificação em se tratando de identidade de gênero (algumas por mais de uma pessoa): mulher transgênero; *crossdresser*; mulher trans; mulher transexual; homem, achou que era transex, deixou de ser travesti; gênero não binário; homem e homem trans.

Opto pelo uso da palavra “transgênero” como um termo guarda-chuva, ou seja, um termo que engloba diversas identidades relacionadas a experiências de não-cisgeneridade, levando em conta que cada experiência ou trânsito tem sua particularidade. Durante a pesquisa identifiquei críticas ao uso do termo “transgênero” para todas as experiências de transítos de gênero, tradução do inglês de “*transgender*”, pois diz respeito a um contexto de ativismo que não reflete nossa realidade nacional e pode servir para invisibilizar categorias que possuem históricos e trajetórias específicas do Brasil, como o caso das travestis, de acordo com a ativista Janaina Lima<sup>6</sup>. Sara, interlocutora deste trabalho, também analisa o termo:

Eu sei que existem muitos rótulos que tentam definir gêneros. E já vi alguns usarem o termo "trans". Penso que se for usado apenas em sua forma didática, com o intuito de alcançar um conceito diferenciado para comportamento de gênero, é válido. Mas não ajuda quando usado para conceituar gêneros de seres humanos. Acho que o uso indiscriminado de termos acaba por favorecer o preconceito. Seria mais interessante que os grupos propusessem primeiro a adoção de políticas de gênero favoráveis a diversidade para diminuir o preconceito na sociedade. É muito complicado buscarmos uma categoria, porque a diversidade de experiência de vida é tão grande que dificilmente alguém consegue se encaixar na definição da outra. E penso que isso vale para qualquer situação (SARA).

Nesse caso, para esta pesquisa, a decisão de utilizá-lo foi tomada como forma de facilitar a abordagem destas diversas identidades de maneira relacionada, uma vez que é interessante pensar como diferentes formas de trânsito e de experiências em torno de gênero podem ser trabalhadas em um grupo maior, também chamado “transgênero”. É preciso

---

<sup>6</sup> LUCON, Neto. “*Não nasci e nem quero me tornar mulher*”, diz militante travesti Janaina Lima. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2015/02/nao-nasci-e-nem-quero-me-tornar-mulher.html>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2015.

esclarecer que essas identidades e representações alteram-se com velocidade. Dessa maneira, trato a identidade sob o ponto de vista de Stuart Hall (2011), que diz respeito a um “eu” performativo, em que a identidade é estratégica ou, ainda, como “um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social” que não se baseia em uma “substância reificada de marcas sociais estáticas” (HEILBORN, 1996).

Quando a pesquisa começou, o projeto inicial era sobre moda como ferramenta de expressão de performatividade de gênero<sup>7</sup>. O tema vinha do meu próprio contato, como mulher cisgênero<sup>8</sup>, com o feminismo e o interesse pelas discussões em torno de corpo, gênero e performatividade, além de meu apreço por múltiplas expressões artísticas. O recorte da transgeneridade se desenhou conforme aprofundi a pesquisa preliminar, mas a inserção no campo trouxe outras questões além do vestuário, especialmente inquietações em torno da passabilidade<sup>9</sup> e das modificações dos corpos. Foi nesse contato que percebi que o escopo do trabalho estava limitado a uma só faceta de algo que era muito maior. Escrevo tendo em mente que não cabe a mim dar voz às pessoas transgênero e espero que meu relato etnográfico tenha representado bem, em sua diversidade, aquelas que aceitaram participar da pesquisa. Mas também desejo que os espaços acadêmicos possam ser preenchidos com suas presenças, falando de si, por si e ampliando esse diálogo.

O corpo, portanto, aparece diretamente conectado a aspectos diversos da subjetividade e da identidade e ocupa local privilegiado nas relações e representações, como desdobramento da própria reflexividade dos sujeitos. Ademais, os corpos também fazem parte de relações de poder, que tratam de discipliná-los e controlá-los, como pode ser percebido nos escritos de Judith Butler (2000; 2003; 2004) e Foucault (1999). Essas relações são construções discursivas que ajudam a criar regulações, regras e hierarquias. Portanto, o corpo, como resultado da citada subjetividade, e assim como ela, é um processo em constante devir. Segundo Anthony Giddens:

Como o eu, o corpo não pode mais ser tomado como uma entidade fisiológica fixa, mas está profundamente envolvido na reflexividade da

---

<sup>7</sup> O resultado dessa parte da pesquisa pode ser conferido no artigo “A Roupas Expressa a Identidade: Moda enquanto Tecnologia de Gênero na Experiência Transgênero” (WITTMANN, 2019), no dossiê Moda: Cultura Material, Modos de Vestir e de se Apresentar da revista *Cadernos de Arte e Antropologia*, disponível em <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/2018>>. Acesso em 24/09/2019.

<sup>8</sup> A cisgeneridade diz respeito a pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. O termo, cunhado no final do século XX, possibilitou a identificação de um conjunto de pessoas, além de funcionar como “ferramenta discursiva para denunciar violências que as populações travestis, transexuais, transgêneras e não binárias estão submetidas por não se adequarem à normalidade suposta, esperada e compulsória.” (BONASSI, 2017, p.23), ou seja, o termo é utilizado para quebrar a falsa neutralidade das próprias pessoas cisgênero, sem marcação, em oposição às pessoas transgênero, que são comumente adjetivadas.

<sup>9</sup> A passabilidade é um termo êmico que diz respeito a um atributo vinculado ao quanto cada pessoa consegue ser percebida pelos demais de acordo com a identidade de gênero com a qual se identifica. O termo também é utilizado referindo-se a pessoas transgênero e o quanto conseguem ser entendidas como uma pessoa cisgênero com a mesma identidade de gênero (masculina ou feminina).

modernidade. O corpo era tido como um aspecto da natureza, governado de maneira fundamental por processos apenas marginalmente sujeitos à intervenção do homem. O corpo era ‘dado’, o assento muitas vezes inconveniente e inadequado do eu. Com a crescente invasão do corpo pelos sistemas abstratos isso é alterado. O corpo, como o eu, torna-se o lugar da interação, apropriação e reapropriação, ligando processos reflexivamente organizados a conhecimento especializado sistematicamente ordenado (GIDDENS, 2002, p.200-201).

Já o gênero, conforme Judith Butler, seria uma reafirmação de uma norma ou de um conjunto de normas (BUTLER, 2000). Quando fala em normas, a autora está, justamente, se referindo aos construtos sociais ligados a ele. Ela entende que a identidade de gênero é uma estrutura performativa (BUTLER, 2004, p.10) e relaciona-se diretamente com a experiência corpórea. Nesse sentido, utilizo a noção de “experiência transgênero”, discutida por Sônia Maluf, que a define como sendo:

um conjunto de práticas diversificadas que envolvem não apenas o *cross-dressing*, como a vivência subjetiva de tornar-se outro, que implica a transcendência da identidade como noção central na discussão sobre a constituição do sujeito e o reconhecimento da “dimensão alteritária” como central para esses sujeitos (MALUF, 2001, p.100).

Em se tratando justamente da experiência transgênero, Sônia Maluf nos coloca frente a artificialidade das diferenças de gênero, que são fabricadas em termos sociais, culturais e políticos (MALUF, 2002, p.148). Conforme Teresa de Lauretis a experiência pode ser entendida como o processo pelo qual “a subjetividade é construída”, ou ainda como efeito de “significado, hábitos, disposições, associações e percepções resultantes da interação semiótica do eu e do mundo exterior” (LAURETIS, 1987, p.18, tradução nossa). Essa interação do eu com o mundo exterior dialoga com a construção do sujeito mencionada por Sonia Maluf (2001), uma vez que é nessa relação de alteridade com as normas que se projeta a identidade.

O gênero engloba a própria definição de corpos “femininos” e “masculinos”, tornando-os também socialmente construídos (NICHOLSON, 2000, p.9). Joan Scott deixa bem claro ao definir que:

gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas ou naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais [...]. Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento

sobre o corpo e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos (SCOTT, 1988 *apud* NICHOLSON, 2000, p.10).

Portanto, mesmo que determinados atributos físicos possam ser considerados como biologicamente masculinos ou femininos, essa atribuição se dá por meio de critérios que são, por sua vez, histórica, cultural e socialmente construídos. O mesmo pode ser dito da divisão binária dos sexos, uma vez que esta obriga pessoas com corpos biológicos em desacordo com os padrões estabelecidos a buscarem adequação<sup>10</sup>.

De acordo com Mauss (2011, p.407), “[o] corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem<sup>11</sup>. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo”. É o corpo que usamos como ferramenta. É o corpo que aprendemos a usar de acordo com técnicas precisas e próprias para cada ação. É o corpo que construímos e moldamos de acordo com a época e o local que em vivemos, adequando-o às expectativas e aos padrões vigentes.

Segundo Goldenberg (2011, p.545) os corpos são construídos através de imitação dos atributos que são valorizados dentro de uma sociedade, muitas vezes de forma inconsciente. Pra Lars Svendsen, vivemos em um momento em que diversos mecanismos estéticos e cirúrgicos podem ser acessados para que adequemos os corpos aos padrões de beleza vigentes (SVENDSEN, 2010, p.91). O corpo “natural” pode ser questionado, uma vez que adorná-lo, vesti-lo e molda-lo são processos presentes nos mais diversos contextos.

Dessa maneira, é possível dizer que os corpos são moldados através da “imitação prestigiosa” (GOLDENBERG, 2011). O corpo, em diversas medidas, é a matéria prima a ser moldada para a expressão de si. Larissa Pelúcio (2005b, p.98) cita o caso das travestis, que podem passar por etapas que envolvem maquiagem, remoção de pelos, ingestão de hormônios, uso de vestuário entendido como feminino e injeção de silicone. A respeito das travestis, mas podendo se estender para diversas identidades transgênero, Tiago Duque afirma: “as possibilidades de construção do feminino têm trazido novas implicações identitárias e tornado os corpos ainda mais plásticos na construção e desconstrução do que se deseja para si” (DUQUE, 2012, p.175).

Ainda assim há as que optam por não fazer intervenções cirúrgicas. De acordo com Marcos Benedetti, parte importante da construção subjetiva da feminilidade é “conhecer as formas corretas de andar no salto alto, de mostrar movimentos leves e suaves, de olhar de

---

<sup>10</sup> A bióloga Anne Fausto-Sterling concedeu uma entrevista sobre pessoas intersexo e a variedade de características sexuais dos seres humanos. Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/05/nao-e-so-o-genero-que-e-socialmente-construido-o-sexo-biologico-tambem/>>. Acesso em: 04/05/2016.

<sup>11</sup> O termo “homem”, aqui, é utilizado de forma generalista, significando “ser humano” ou “pessoa”. Entende-se que no contexto da época em que o texto foi escrito, tal prática era comum, embora intrinsecamente excludente no que tange à questão de gênero. Para refletir sobre o impacto das formas de escrita, consulte o texto “Sobre comunicação acessível e linguagem inclusiva (WITTMANN, 2018), disponível em <<http://estantedasala.com/linguagem-inclusiva/>>. Acesso em 19/09/2019.

determinada maneira, de mover o cabelo ou andar à moda travesti” (BENEDETTI, 2014), sendo que todos esses elementos podem ser considerados técnicas do corpo (MAUSS: 2011, p.401). Com essas reflexões podemos concluir que, entre técnicas corporais, cirurgias e outras intervenções, o corpo jamais é natural: é técnica, ciência e cultura imbricadas em um fazer conjunto.

### **Corpo-ciborgue e corpo-prostético**

Se tomarmos que os corpos humanos não são naturais e pensarmos na dicotomia entre natureza e cultura ou natural e artificial, podemos refletir sobre as teorias de Donna Haraway a respeito da ciborguização. Para a autora, em seu *Manifesto Ciborgue*, a ciborguização dos corpos, ou seja, a hibridização entre orgânico e inorgânico, é uma realidade, já que, por meio de ferramentas farmacológicas e mesmo prostéticas, rompemos suas barreiras, levando-os para além do limite da pele. Com a ciborguização é impossível distinguir o que é corpo e o que é máquina e, desta forma, a dicotomia entre ambos é contestada. Em sua definição “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2000, p.36). Essas proposições dialogam diretamente com a noção de contrassexualidade de Paul Preciado, que seria o estudo das transformações tecnológicas dos corpos sexuados. Para ele, o gênero é a materialização prostética das normas da sociedade (PRECIADO, 2014).

Em se tratando especificamente de travestis, é possível que possam vir a fazer uso de implantes ou de aplicação de silicone em seus corpos, visando moldá-los. Pessoas intersexo<sup>12</sup>, por sua vez, passam por alterações em seus corpos antes mesmo de terem qualquer consciência a respeito de sua subjetividade: estão a mercê das decisões dos pais e dos médicos, pautadas nas convenções sociais a respeito do que seria um organismo masculino e um feminino. Já pessoas transgênero podem ou não recorrer à cirurgia de transgenitalização, como é chamado o procedimento de faloplastia ou vaginoplastia<sup>13</sup>. Para Preciado, essas e outras intervenções fazem parte de uma busca da sociedade pela coerência com o discurso cis-hétero-normativo<sup>14</sup>, uma vez que a própria existência de pessoas transgênero já o coloca em xeque. Por isso, corpos que fogem à regra precisam ser submetidos a ela. Para Preciado, o que chama de “performativos de gênero estão relacionados à linguagem e sua capacidade

---

<sup>12</sup> Pessoas intersexo são descritas como “corpos que apresentam ‘características’ dos dois sexos, ou que eventualmente poderiam apresentar uma evolução para o sexo oposto ao sexo aparente” (PRECIADO, 2014, p.127). De uma maneira geral, pode-se dizer que são corpos cujas genitálias, sejam internas ou externas, não se caracterizam como sendo clara ou exclusivamente femininas ou masculinas (MACHADO, 2005, p. 67)

<sup>13</sup> A faloplastia é “construção cirúrgica do pênis com a ajuda de um enxerto de pele proveniente de outra parte do próprio corpo, como o antebraço ou coxa” e a vaginoplastia é, por sua vez, “a reconstrução cirúrgica da vagina” (PRECIADO, 2014, p.129).

<sup>14</sup> Discurso que alinha atributos a respeito da identidade de gênero e da orientação sexual adequados aos modelos hegemônicos de cisgeneridade e heterossexualidade.

de definir um corpo como masculino ou feminino, chegando, mesmo, a submetê-los a procedimentos cirúrgicos para adequá-los ao sistema sexo/gênero” (PRECIADO, 2014, p.28).

De acordo com Preciado, não deveria haver monopólio e controle da medicina e do Estado sobre os corpos, uma vez que esses dispositivos também são responsáveis pela criação do gênero. Se, afinal, somos ciborgues, criaturas de base orgânica moldada com drogas, próteses, lentes e outros dispositivos, discursos pautados na naturalidade dos corpos são facilmente desconstruídos. Se nossos corpos não são naturais, se nossa biologia jamais é deixada intocada pela cultura que a rodeia, não há porque aceitar que ela, a biologia, possa ser a responsável exclusiva por padrões, comportamentos, hierarquias e ditames. Pode-se dizer, assim, que as novas biotecnologias corporificam, estabelecem relações e criam conjunturas e trajetórias que afetam os sujeitos políticos.

### **Falos, vaginas e hormônios: gênero, corpo, autoimagem e performatividade**

Um dos assuntos que constantemente vem à tona quando se trata da experiência transgênero diz respeito à materialidade dos corpos de seus sujeitos, especialmente no que tange a características sexuais primárias e secundárias. Determinados atributos são valorados e interpretados como masculinos ou femininos, dentro de uma visão binária que interpreta aspectos físicos por meio de ditames culturalmente estabelecidos. As pessoas transgênero, pela sua própria existência, desafiam essas regras e desnudam a artificialidade que lhes é inerente. Se todos os corpos adultos, políticos e sexuados são ciborgues, não deveria causar nenhum estranhamento que uma pessoa transgênero opte por fazer alterações em seu corpo de maneira a torná-lo mais próximo ao que idealiza para sua identidade de gênero. A respeito disso, Berenice Bento reflete que o:

processo de reconstrução do corpo é marcada por conflitos que põem às claras as ideologias de gênero e colocam os/as transexuais em posição de permanente negociação com as normas de gênero. Essas negociações podem produzir as normas de gênero, assim como desestabilizá-las ao longo dos processos de reiterações (BENTO, 2006, p.89).

A autora deixa claro que “ideologias de gênero” diz respeito justamente ao *status quo* cis-hétero-normativo, não a qualquer caráter discursivo da transgeneridade enquanto oposta a ele. Corpos que desafiam as regras vigentes da sociedade são questionados e forçados a se adequar em maior ou menor grau desde a infância. Meninos e meninas transgênero, além de intersexuais, são avaliados por médicos e outros profissionais que definirão que a presença de uma vagina implica na vivência de mulher, enquanto um pênis conota a vivência de homem. Isso ocorre por mais que possam existir incoerências biológicas à prática, além daquelas de cunho subjetivo. O olhar do médico, assim como os aparelhos de



ultrassonografia, usados para ditar masculinidades e feminilidades antes mesmo que os bebês sejam paridos, são chamados por Simone Ávila de “tecnologia visual de identificação de sujeitos” (ÁVILA, 2014, p.80). Nessa leitura e significação se constroem sexo e gênero e se produzem os sujeitos ainda na infância, por terceiros alheios a sua própria experiência.

Mas, a depender do contexto, os corpos infantis, impúberes, podem ser entendidos como neutros. Muitas vezes é na adolescência, com a chegada da puberdade, que o descompasso entre expectativas externas e as das próprias pessoas se manifestam. Leonardo, homem trans de 22 anos, estudante universitário, relata que quando criança, sabia que era um menino, mas sabia também que não tinha um pênis. Para ele, isso era algo secundário, porque andava constantemente sem camisa e as pessoas o viam e o tratavam como um menino. Foi a chegada dos seios que dificultou sua vida, situação já discutida na etnografia de Bento, que destaca que a menstruação e os seios marcam, para pessoas transgênero masculinas, justamente o momento em que o corpo sexuado impossibilita a livre expressão do gênero e pode dar início a uma busca por novas formas de se construir identitariamente (BENTO, 2009, p.100-101).

Para pessoas transgênero, portanto, muitas vezes é a puberdade que marca o momento em que se exterioriza o conflito entre as normas de gênero da sociedade e sua própria subjetividade. No Brasil, o assim chamado processo transexualizador pode ser feito pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tendo sido aprovado em 2008 pela Portaria nº1707 do Ministério da Saúde (ÁVILA, 2014, p.128). É importante ressaltar que o procedimento é feito em virtude da patologização das experiências transgênero e só é autorizado depois de acompanhamento durante dois anos por psicólogo, urologista, psiquiatra e assistente social e diagnóstico de disforia de gênero, comprovando que o candidato ou a candidata é transexual verdadeiro ou verdadeira, ou seja, aquele da visão hegemônica das ciências psi, que tem ojeriza ao próprio corpo e que se sente angustiado com ele e está em busca de adequação (ÁVILA, 2014, p.90). Na mais recente Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11), que substitui a CID-10, a transexualidade deixou de ser considerada “transtorno de identidade de gênero”, uma forma de “transtornos de personalidade e comportamento” ou seja, deixa de ser uma “doença mental”, mas permanece catalogada como “incongruência de gênero”, sob a justificativa de que “ainda existem necessidades significativas de cuidados de saúde que podem ser melhores se a condição for codificada sob o CID”, como a necessidade de um diagnóstico para tratamento em saúde pública, por exemplo (MARTINELLI, 2018).

Em se tratando de pessoas transgênero, assim como de pessoas cisgênero, não existe uma regra que abarque todas as experiências. Se algumas mulheres transgênero desejem a remoção do pênis, existem aquelas que estão satisfeitas com o seu corpo, como Suellen, interlocutora que não revelou a idade. No caso da opção por cirurgia transgenitalizadora, o próprio pênis é utilizado para a construção de uma vagina, conforme a descrição:

Primeira etapa: realiza-se uma incisão na pele do pênis e dos testículos, de tal maneira que se possa recuperar os tecidos para construir as paredes internas da vagina. Segunda etapa, ainda hoje denominada “castração”: extirpam-se os testículos, realiza-se uma incisão na parte superior do pênis, para assim fazer com que a pele deslize para baixo. O cirurgião prepara, com o dedo, um espaço para a vagina entre a bexiga e o reto. Terceira etapa: constrói-se o clitóris a partir do corpo cavernoso, esperando (com sorte) recuperar um máximo de superfície de excitação. Um cateter urinário é colocado na bexiga. Dá-se a volta na pele do pênis e se empurra ela para o interior. Completa-se, se for necessário, com um enxerto da pele do escroto. Quarta etapa: coloca-se um molde, que tem a forma de um pênis, no lugar reservado à vagina” (PRECIADO, 2014, p. 125).

A faloplastia, cirurgia que constrói pênis para homens transgênero, é experimental até os dias de hoje, nem sempre com resultados esteticamente positivos. O procedimento envolve quatro etapas: “sutura dos lábios vaginais, obtenção de tecidos da pele da perna e/ou ventre, a partir dos quais se fabricará um enxerto de pênis, obtenção de uma veia – frequentemente da perna-, e enxerto do pênis” (PRECIADO, 2014, p. 123). Durante o procedimento, é possível que haja perda da sensibilidade nos órgãos sexuais.

As cirurgias de transgenitalização raramente são feitas com o intuito de agradar parceiros ou parceiras sexuais. O desejo parte da própria subjetividade das pessoas, que querem se sentir mais confortáveis com o próprio corpo. Conforme Leonardo, que pretende fazer mastectomia no futuro, “essa cirurgia que a gente faz é pela gente mesmo, né. Não é porque a menina X não vai aceitar se você...”. Com as reticências ele dá a entender que não é pelo desejo específico de agradar possíveis parceiras e cita, em seguida, casos de homens transgênero heterossexuais que não aceitam se relacionar com mulheres transgênero ou mulheres cisgênero heterossexuais que dizem não se interessar por homens transgênero porque esses “tem voz de menina”. Ele afirma que são casos de transfobia, transfobia essa especificamente ligada às expectativas sobre os corpos dos parceiros. Berenice Bento, em seu trabalho de campo, também reconheceu o desejo de se adequar a própria imagem como motivador da busca por cirurgias, em oposição ao querer penetrar ou ser penetrada, que não é mencionado. O que existe é o desejo de reconhecimento social do gênero com o qual as pessoas se identificam (BENTO, 2009, p.106).

Percebi algo similar conversando com Rebeca, estudante universitária de 38 anos que se define como mulher transexual. Ela disse que deu entrada com o pedido de mudança de nome e de gênero nos seus documentos e que pretende fazer a cirurgia de transgenitalização. Para isso, já começou a fazer o acompanhamento psicológico requerido por lei.

Eu não vou fazer a cirurgia porque eu vou ser uma mulher, pros homens

olharem que eu tenho uma vagina, entendeu? Pronto, que aí eu vou ser mais atrativa pra eles. Não, não é pra isso. Eu quero ficar pra mim mesma, quero me sentir bem comigo mesma. Eu não tenho mais... Eu não tenho mais utilidade, não uso mais o meu órgão sexual... meu órgão sexual masculino não tem mais funcionalidade. A única função é excretora mesmo. Mas isso aí é pra mim mesma, não pra ninguém. Acho que quando a pessoa faz para os outros aí ela sofre, porque ela vai querer fazer... E ela espera ter a aprovação do outro, não é verdade? E aí eu acho que não é por aí. Eu tenho que tá bem comigo mesma. Eu posso nunca mais ter sexo com ninguém. Lógico, vira pra lá essa boca. Mas vamos supor, eu posso nunca mais e eu vou me sentir feliz comigo mesma. Mas hoje, falando, tá recente. Eu não tô segura ainda. Eu desejo isso, mas eu preciso trabalhar mais esse desejo. Eu mesma eu desejo isso, mas eu me conheço que eu preciso me preparar melhor. Se fosse fazer amanhã a cirurgia, eu não faria. Eu precisaria de mais... como posso dizer... segurança comigo mesma, assim. Eu tenho que viver um pouquinho mais comigo mesma (REBECA).

Mas às vezes ocorre também o desejo de se adequar às expectativas de terceiros, em virtude do desejo de ser plenamente reconhecida ou reconhecido, por meio de signos corporificados identificados pelos demais, em sua identidade de gênero:

Portanto, é possível afirmar que, embora o *transexualismo verdadeiro* tenha como principal característica a demanda pela cirurgia de transgenitalização para a adequação da anatomia à identidade de gênero e, assim, a inserção do sujeito na normatividade sexual, o discurso das pessoas que vivenciam essa experiência revela que seu desejo de modificação é mais amplo do que a alteração da genitália. Muito além de uma normalização de seus corpos, homens e mulheres transexuais demonstram que a transformação que solicitam se refere à vulnerabilidade a que estão submetidos, sendo muitas vezes resultado não apenas de um sentimento de inadequação, mas também de dificuldades que enfrentam em seu cotidiano em função da intolerância à diversidade de gênero (MURTA, 2013, p.74).

A autora faz referência ao “transexualismo” deixando claro que o que aborda são os aspectos ainda hoje patologizados da transexualidade, tratando os dois como experiências diferentes. Para ela, portanto, o desejo de alterar o corpo pode vir da vulnerabilidade dos sujeitos, em virtude de um conjunto de fatores relacionados à negação de sua identidade de gênero por outros.

Em se tratando especificamente dos homens transgênero, há uma preocupação maior com os seios do que com o pênis propriamente dito. São eles que, por vezes, são vislumbrados por sob as roupas e atrapalham a codificação de sua masculinidade. Por isso, caso não os removam por meio de mastectomia, fazem uso de uma espécie de colete, chamado *binder*, que os comprime, deixando o tórax visualmente plano. De acordo com Thomas, nutricionista de 27 anos que se identifica como “homem trans”, é como “um *top* grande que pressiona os seios. Eu não consigo usar o *binder* porque eu não consigo respirar, dá falta de ar, aí eu tô usando *top*”, esclarecendo que sente desconforto porque ele é muito apertado.

No caso do pênis, Thomas manifestou preocupação sobre poder continuar dando prazer para sua namorada: “Eu não vou ter um pinto de verdade, né, e tipo as mulheres tem prazer ou clitoriano ou vaginal com penetração. E no caso eu vou ter um pênis, mas tipo do tamanho duma cenoura”. Tanto Thomas quanto Leonardo relataram ter medo de realizar a faloplastia, por seu caráter experimental e também pela possibilidade de perda de sensibilidade. Além disso, o medo de que o pênis não seja totalmente funcional faz com que ela não seja prioritária. Thomas relatou que “na internet tu não acha fotos boas, se tu for colocar faloplastia, tu vai achar umas coisas tipo *Frankenstein*, parece umas calabresas. Tudo sem cor, meio morto, pálido”. Por isso, ele comprou na internet um *packer*, que é uma espécie de pênis prostético ou, nas palavras dele “uma prótese peniana que simula um real. Bem real, tipo tem uma cinta, né, tu encaixa ele na cinta, tu veste ele, põe cueca”. A cada função adicional (apenas volume, para urinar ou para penetrar) a prótese se torna mais cara, especialmente se for importada, mas, conforme relataram, um homem transgênero da cidade de Curitiba conseguiu criar modelos já com duas funções e está trabalhando para conseguir com as três<sup>15</sup>. Mas em se tratando da função sexual, ambos declaram que não sentem necessidade diretamente de terem algo que possa ser usado para penetrar:

Tem a questão visual, tu vê a tua parada lá. Pelo menos eu tenho isso, então a questão do órgão que tu sente, mas tu não tem. Eu sinto a penetração... Sempre senti a penetração até antes de ter um *packer* pra usar. Eu penetrava com dedo mesmo, mas tipo fazia posições que parecia que eu tinha um pênis penetrando e tipo eu sentia prazer. É, é uma coisa bem psicológica. Ou então tu visualizando... É subjetivo, né. Não é um prazer... (THOMAS)

Leonardo contou que já existem modelos de *packer* “4 em 1”, que além das funções já mencionadas, também servem para “dar prazer” a quem o utiliza, justamente através da estimulação clitoriana. A prótese tem em seu interior “duas aspas, né, e tipo o clitóris fica no meio das duas aspas, roçando e tal”. Mas esses modelos só existem nos Estados Unidos e

<sup>15</sup> Após pesquisar na internet, descobri que se tratam de produtos da marca T-Boy, produzidos por David Zimmermann. Os produtos são vendidos através de uma loja virtual (LOPES, 2016).

custam mais de mil reais quando importados, dificultando sua aquisição.

Outra maneira de manipular os corpos é por meio da hormonioterapia. Uma postagem intitulada *Hormônios Femininos - Travestis e Transexuais* no blog *Transexualidade* discorre sobre como deve acontecer a ingestão de hormônios e as etapas de sua ação e frisa a importância de procurar acompanhamento psicológico e endocrinológico, especialmente para receitar as dosagens corretas de hormônio para cada corpo. Nem sempre é o que ocorre e, no caso das mulheres transgênero, o procedimento costuma ser feito com a ingestão de pílulas anticoncepcionais, obtidas facilmente em farmácias. Além delas são ingeridos medicamentos que inibem a conversão da testosterona em DHT (di-hidrotestosterona), hormônio de cunho androgênico. No primeiro contato que tive com Sara, programadora de 40 anos, identificada como *crossdresser*<sup>16</sup>, em 2014, ela relatou que já havia se hormonizado, mas tinha parado. Posteriormente, disse que foram várias vezes, sendo a última durante cinco meses, tomando o anticoncepcional Diane 35, aliado à Finasterida, que “é um bloqueador de andrógenos... Ou seja, ele atua diminuindo os efeitos da testosterona no corpo... também reduz a calvície”, conforme ela mesma. Sobre o efeito conjunto dos dois, ela relata que o anticoncepcional é bastante forte e “faz efeito rápido em mim. E depois fico mantendo [o efeito], diminuindo a dose de Finasterida. Mas às vezes fica incontrolável e aumenta muito as características femininas em mim, arredonda meu corpo, meus seios ‘pulam’ praticamente” (SARA). Rebeca também diz ter usado Diane 35, mas hoje em dia usa hormônios receitados por um endocrinologista.

Já Lucas, jovem técnico em enfermagem que afirma ter deixado de ser travesti, diz que foi apresentado aos hormônios por um namorado que era dono de um “*blog T lover*<sup>17</sup>” que era “muito experiente”, segundo ela. É bastante comum que informações a esse respeito possam ser encontradas nas redes de contatos, com indicações de amigas e amigos que já os utilizam. Ele tomou os hormônios femininos e, enquanto Isadora, nome pelo qual atendia, chegou a participar de concursos regionais e nacionais de beleza LGBTI. Depois, em virtude de uma série de discriminações e problemas pessoais, ingeriu hormônios masculinos e voltou a atender por seu nome de registro, que diz preferir. O trânsito que Lucas/Isadora fez em se tratando de gênero é interessante para analisar a não-fixidez das identidades, ainda que em suas falas transpareça saudosismo e melancolia em relação à época em que se apresentava no feminino.

---

<sup>16</sup> Pessoas que utilizam roupas e acessórios que são comumente vinculados ao gênero apostado àquele que lhes foi designado ao nascer. Geralmente são homens que se vestem como mulheres, mas não necessariamente se identificam como tal (VENCATO, 2013, p.32-33).

<sup>17</sup> “O termo *t-lover* chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários que ganharam força nos anos 80, sobretudo depois do surgimento da aids. Segundo um dos *t-lovers* pioneiros, o carioca Alex Jungle, o termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONGs norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls* (tgs) eram, conseqüentemente, os *t-lovers*. [...] No Brasil, os *t-lovers* estão fortemente identificados com a heteronormatividade, trabalham e reforçam a masculinidade enquanto valor simbólico, associando-a sempre à “normalidade”, em oposição à homossexualidade, tida como ‘desvio’” (PELÚCIO, 2005a).

A hormonização, assim como as cirurgias, não é utilizada por todas as pessoas. Thomas, por exemplo, não ingere hormônios masculinos e diz que conhece outras pessoas que também não fazem o uso. Mas quando há algum incômodo a respeito de características dos corpos, eles podem auxiliar e sua falta pode gerar desconforto emocional, como relata Marcella, programadora de 35 anos que se identifica como mulher transexual. Ela está sem um emprego fixo, trabalhando quando pode como *freelancer*, em virtude de um problema de saúde. Sem uma fonte de renda garantida, não tem como comprar os hormônios regularmente:

Não gosto muito de roupas com alcinha, porque tenho disforia com meus ombros largos. Pelo menos eu acho eles largos, minha namorada diz que não são. Disforia é um sentimento ruim com relação ao gênero que sentimos quando algo parece ser do gênero não desejado, por exemplo, bigode é algo extremamente disfórico, ver a marca da barba pra uma trans faz ela se sentir muito mal, ou seja, se sentir disfórica. Tem várias coisas que as trans reclamam, geralmente são ombros, mãos, pés, pelos, formato de rosto, etc. Pelos no rosto [me incomodam] e o fato de eu não estar tomando hormônios. Não estou tomando por falta de grana, então eu me sinto muito mal, com muita disforia me achando a coisa mais feia do mundo, mesmo que digam que eu não "voltei" a parecer homem. Mas me incomoda muito não estar tomando os hormônios (MARCELLA).

Ou seja, para Marcella, o tratamento hormonal é uma necessidade, para lidar melhor com sua própria sensação de disforia, que seria o desconforto em relação a características físicas entendidas como de outro gênero que não aquele com o qual a pessoa se identifica. Além das redes informais de informações e dos hormônios obtidos diretamente nas farmácias, sem indicações médicas, existe a possibilidade de ter acompanhamento. Para isso, um psicólogo ou psiquiatra precisa gerar um laudo certificando a necessidade de tratamento, ou seja, ocorre pela via da patologização, prevista por lei:

Hoje em dia, o que se pede no mínimo, porque tem uma lei que fala... Aí na lei fala que pode ser um laudo psicológico ou psiquiátrico. Com o laudo psicológico ou psiquiátrico você consegue começar a hormonização. Então esse, vamos dizer assim, o padrão. O padrão é você ter do lado um psicólogo pelo menos e aí começa a hormonização. Só que a gente sabe que aqui não é uma cidade grande e assim, profissionais especializados: a gente vai perceber que aqui no nosso estado... a nível de Brasil já é raro... Aí o [psicólogo que lhe foi indicado], com a minha história, ele se simpatizou e a partir desse instante ele quis fazer. Ele tem tentado ajudar a gente nessa situação. [...] Aí eu já tinha um laudo, mas não tinha endocrinologista e aí eu consegui achar ela e... Mas, por que que eu

consegui? Porque eu tive o apoio da minha família, né. E o tratamento, se eu fosse fazer sozinho, ainda não teria condições de arcar com o tratamento, entendeu? Tipo assim, eu consigo arcar com o tratamento porque minha família apoia. Então trans que não for apoiado pela família ou que não tem uma condição financeira boa, eles são completamente desassistidos (LEONARDO).

Ambos se queixaram dos valores dos tratamentos, informando que apenas a consulta do endocrinologista custa cerca de trezentos e cinquenta reais por mês. Uma ampola de testosterona receitada para Leonardo, chamada Nebido, custa mais de quatrocentos reais. Essa é a dose mensal. Ele diz que tem sorte de fazer os exames necessários com plano de saúde, porque senão “só de sangue ia gastar novecentos reais, o exame que ela [a endocrinologista] fez”. Por isso, ele é grato pelo apoio que recebe de seu pai e de sua mãe, que também o auxiliam financeiramente. Segundo ele, a vantagem dessa marca de testosterona, que é o que a torna tão cara, é que ela é liberada aos poucos, gradativamente, ao longo de um mês e meio. Com a ingestão mensal, não há tempo de haver uma baixa no organismo e o efeito é mais regular.

O acompanhamento no caso da ingestão de testosterona inclui exames de tireoide, mamas, pélvis e, especificamente, do útero, uma vez que o hormônio aumenta a possibilidade de incidência de câncer no órgão. Todo esse acompanhamento deve ser feito periodicamente, ainda que não haja necessidade de ser mensal, como o exame de sangue. Os efeitos aparecerem rapidamente. Em cerca de três meses, de acordo com Leonardo, a menstruação para de vir e uma barba aparece.

Sara passa por uma decisão importante. Ela sempre se identificou como *crossdresser*, mas, como já mencionado, fez uso de hormônios femininos no passado. Desde as primeiras vezes que conversamos ela demonstrou vontade de ter uma experiência integralmente entendida como feminina. Por isso tinha feito análise, como relatado:

Fui a umas 3 sessões ano passado. Aí parei. Senti necessidade. Eu não tenho problemas de aceitação e convivo numa boa com os dois lados. Mas naquela época eu estava decidida a viver minha feminilidade na plenitude. Ou seja, queria chutar o pau da barraca, como dizem, e viver 100% como gosto. Mas aí vinha uma voz lá no fundo e perguntava pelo amanhã. E, como eu não tinha a resposta pronta, busquei essa resposta na psicóloga (SARA).

Como é possível perceber por sua fala, a maior preocupação era o “amanhã”, ou seja, o sustento e sua posição no mercado de trabalho, que poderiam ser prejudicados caso assumisse outra identidade de gênero. Está em busca de uma orientação profissional e pretende perder peso, pois o ideal, segundo ela, é que ele e o Índice de Massa Corporal (IMC)

estejam “controlados” para retomar a hormonioterapia. Disse que dessa vez pretende fazer todo o procedimento da maneira adequada, aproveitando o plano de saúde para fazer os exames. Mas também se queixou dos valores das consultas e remédios, que custariam mais de três mil reais ao ano, sem contar o psicólogo. Apesar disso, garantiu que era melhor fazer tudo “certinho”, porque “todas as meninas que evoluíram bem fizeram hormono assistida”. Sara conseguiu um psicólogo de quem gostou e agora segue em sua jornada em busca de uma versão de si que seja mais condizente com sua identidade. Perguntada justamente sobre como se identifica em se tratando de identidade de gênero, ela respondeu:

Agora ainda *crossdresser*. Essas letrinhas encerram muitos significados. Não sei se vou me considerar trans antes de estar cem por cento satisfeita com meu visual. As letras não mudam nada na gente. Mas olha... pela primeira vez na vida estou avançando pra sair do casulo de uma forma totalmente tranquila e segura. Tô me sentindo plena, sabia? Pensando em um futuro não tão distante em fazer algumas plásticas. Corrigir a fronte, pra diminuir esse ossinho que fica nas sobrancelhas, afinar o nariz pra suavizar a expressão e, lógico, colocar uns 200ml nos seios (SARA).

Sara está tateando esse novo caminho e novas possibilidades em sua vida. Para isso também coloca como meta a realização de cirurgias plásticas. As plásticas, como mencionado, estão nos planos de Leonardo e Thomas também, mas este último fala com exasperação sobre o estranhamento que esse desejo causa em sua mãe.

Ela falou bem assim “eu não sou obrigada a engolir essa mutilação que tu quer fazer em si”. Eu falei “mãe, tu é muito hipócrita. Tu fez cirurgia bariátrica, tu colocou silicone, tu colocou bunda, tu fez lipoaspiração. Eu vou fazer a mesma coisa que você, umas cirurgias pra me sentir bem comigo mesmo fisicamente. Tu não acha uma hipocrisia da tua parte?”. [...]. Não é uma mutilação (THOMAS).

O corpo transgênero é um corpo que assume a sua artificialidade, enquanto nem sempre isso é admitido pelos demais. Ele confronta o olhar e as normas inquisidoras. Apresenta-se como “um corpo transformado, fabricado, que aparece e se afirma como corpo fabricado, não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido da experiência” (MALUF, 2002, p.145-146). A mãe de Thomas exemplifica isso: enquanto cirurgias cosméticas invasivas são entendidas como decisões pessoais válidas (e devem ser), visando maior conforto com sua própria aparência e corporalidade, qualquer intervenção que diga respeito à identidade de gênero é rotulada como agressiva ou radical. As alterações realizadas por ela servem para reforçar uma hiperfeminilidade pautada na cis-heteronormatividade e, portanto, são aceitáveis. Além disso, o desejo de se enquadrar em



determinados padrões de masculinidade ou feminilidade já existentes pode ser entendido como um reforço de padrões binários excludentes. Essa aparente incoerência é percebida por eles. Na fala de Thomas:

É uma quebra de paradigmas muito grande, então. Não é só a transição hormonal, física, é a transição de pensamento também. É uma modificação muito radical. Tu acaba trabalhando com o que é mais fácil pra a massa reconhecer a forma que tu quer tomar. E então tu acaba reforçando o estereótipo de homem cis-hetero-normativo, musculoso, que vai pra academia (THOMAS).

De certa forma, então, existe a consciência de que esses padrões acabam sendo seguidos porque são mais facilmente compreendidos pelos demais. A experiência transgênero, pode, assim, reforçar os binarismos de gênero, mas a maioria de seus sujeitos estão conscientes disso. Ao mesmo tempo, quebram-se padrões e expectativas relacionados ao binarismo, uma vez que seus próprios corpos, mais ou menos trabalhados, são marcas vivas das contradições de padrões identitários rígidos pautados em uma base biológica pré-existente.

Com tantos relatos sobre maneiras de buscar adequação dos corpos às vivências dos sujeitos, é possível perceber que o que existe em termos de apoio é no mínimo precário. O atendimento gratuito, pelo SUS, é demorado e necessariamente patologizado. Os demais meios são caros e nem sempre acessíveis nos locais de moradia. Homens e mulheres transgênero precisam de apoio psicológico e financeiro, já que os procedimentos são longos e custosos. Não há quem se responsabilize pelo seu bem-estar e, ao final, mesmo que todo o processo tenha transcorrido, ainda estão privados de diversos direitos básicos, como até mesmo o nome social.

[...] o processo transexualizador é bioeticamente incorreto. [...] Mas isso quer dizer, então, que não era para esse processo ser executado nas unidades de saúde? Não é nada disso. Ele é bioeticamente incorreto porque você submete as pessoas a mudanças corporais intensas, a mudanças sociais e subjetivas extremamente densas e, ao final, o Estado diz: ‘Te vira aí, vê como a Justiça resolve teu caso’. Portanto, é bioeticamente incorreto porque é bioeticamente incompleto (ALMEIDA, 2013, p.114).

Consequentemente, o que se percebe é que a rede de apoio às pessoas transgênero é duplamente insuficiente e incompleta, abandonando-as à própria sorte em busca de adequação dos seus corpos e de tratamento respeitoso na sociedade. Thomas conta que certa vez, em um consultório médico, foi chamado por seu nome de registro e cerca de trinta

peessoas que estavam na sala de espera o encararam. Uma criança pequena, que estava ao seu lado, foi prontamente puxada pela mãe, que exclamou “cuidado!”. A falta de respeito ao nome social, entre outros assuntos, coloca pessoas transgênero à mercê de comportamentos pautados na ignorância de seus direitos e na ojeriza e abjeção<sup>18</sup> de suas existências.

Lucas conta que fez uma entrevista de emprego para trabalhar como promotor de vendas em uma operadora de telefonia móvel. Se saiu bem, mas a entrevistadora lhe falou que se cortasse seus cabelos, longos à época, a vaga seria sua, senão teria que sair. Em situações como essa, pessoas transgênero se vêm coagidas a assumirem aparência alinhada com o gênero que lhes foi designado ao nascer para obter um emprego, ou então permanecer na informalidade. Em relação às alterações corporais, há ainda o relato de Leonardo:

Eu tive coragem mesmo de assumir todas as coisas, porque até então eu já sabia que tinha alguma coisa errada, entendeu. Eu tinha até uma namorada e ela falava assim "eu acho que tu não é lésbica, acho que tu é um homem trans". Mas ao mesmo tempo o corpo nasce de uma identidade, né? O corpo que ela te dá só tem relação... Tipo, não vai passar constrangimento, né, assim, na questão de identidade. Não vai passar constrangimento de ter que apresentar uma identidade com outra aparência. A questão do constrangimento, a questão do preconceito mesmo, de você andar e ficarem te olhando. Aí com o tempo, logo no começo eu achava que não era tão passável porque eu não... Eu tentava usar roupa, usava bermuda. Eu parecia realmente uma lésbica masculinizada. E as pessoas olhavam (LEONARDO).

A fala de Leonardo, que dá título ao artigo, sintetiza sua experiência, ressaltando a ideia de que o corpo se molda conforme a vontade de se adequar a suas próprias aspirações, que podem passar, em maior ou menor grau, pela aceitação no *status quo*, visando minimizar o próprio desconforto e a agressividade e intolerância daqueles ao redor. Ele conclui, com um longo relato, que, de acordo com sua percepção, à medida que a passabilidade aumenta, a transfobia diminui. Ele parou de se sentir observado e inseguro no dia em que foi barrado em um banheiro feminino, do qual fazia uso justamente por receio de ser barrado no masculino. Ele diz acreditar que as pessoas o enxergam como cisgênero e que isso é uma questão de confiança, “conforme você vai adquirindo mais características, não só pela hormonização, porque a transição não é só hormônio, né?” (Leonardo). Com isso ele traz à tona toda a performatividade que envolve a experiência transgênero, deixando claro que corpo e suas extensões atuam nesse processo constante de ciborguização.

A leitura da identidade de gênero se constrói não só com os hormônios, que são facultativos, como já mencionado, mas com as técnicas corporais, a postura e o discurso.

---

<sup>18</sup> O abjeto seria o que transcende o limite da humanidade, que é “algo repulsivo, repugnante, desprezível, vil, que inspira horror” (LEITE JUNIOR, 2012, p.561)

Quando um grupo de adolescentes o avistou na praça de alimentação de um *shopping* e debateu em alto e bom som se ele seria homem ou mulher, ele se sentiu incomodado. Ainda usava os cabelos longos. Resolveu cortá-los, mas o efeito não foi o suficiente. Foi quando começou a usar o *binder* e qualquer vestígio de seus seios sob as roupas sumiu. Ainda havia a questão da voz, que está mudando agora com a ingestão de testosterona. “Aí esse é o dilema, entendeu? Quando vai ganhando essa passabilidade, você vai tendo mais proteção. Só que essa carcaça, né, ela é assim frágil”. Frágil. Essa é a definição para a passabilidade pautada em características físicas. De toda forma, interlocutoras e interlocutores desse trabalho demonstram grande resiliência.

### **Considerações finais**

No corpo deste trabalho busquei trazer aspectos da transgeneridade que se destacaram durante a etnografia. O cruzamento entre eixos temáticos se tornou visível: pode-se dizer que não é possível falar de gênero e de identidade sem passar pela ideia de corpo e sem falar das experiências subjetivas de composição de individualidade. Essa percepção se tornou patente na fala de interlocutoras e interlocutores. Nesse sentido, acredito que a maior contribuição da pesquisa seja justamente ao utilizar os relatos etnográficos, as experiências de cada pessoa que foi interlocutora da pesquisa, para entrelaçar os conceitos comumente utilizados nos estudos de gênero. Discuti questões relacionadas ao corpo, que se torna sujeito na trajetória das pessoas. O corpo, aqui, aparece como uma expressão da subjetividade e as falas escancaram a artificialidade da sua construção, em oposição à falsa naturalidade com que é percebido no senso comum. Ele funciona como um objeto a ser esculpido e moldado buscando expressar a identidade. O corpo não é a pessoa. O corpo não define a pessoa. Mas ele certamente assume a forma de ferramenta de expressão identitária. Optei por falar da transfobia nesse contexto em virtude dos relatos ouvidos, que a vincularam ao sentimento de estranhamento e ojeriza quando um corpo não se encaixa no padrão esperado para o gênero que ele expressa.

Entre os pontos que podem ser destacados no trabalho, há a noção de fluidez das identidades: Isadora agora se apresenta como Lucas e isso demonstra que a identidade de gênero é uma estrutura performativa que não funciona de forma rígida. É comum ouvir em discursos pautados no senso comum que pessoas transgênero “nasceram no corpo errado” ou que uma pessoa sempre teve “uma mente feminina/masculina”. O que a variedade de relatos dessa etnografia mostra é que as maneiras de vivenciar a transgeneridade são diversas e não podem ser limitadas a uma noção fixa de corpo, muito menos a um padrão de gênero binário que não abarca todas as experiências.

Além disso, às vezes o que faltam são palavras adequadas: se Thomas se apresentava como uma mulher lésbica e agora como um homem heterossexual, isso não implica em nenhuma alteração na forma que ele se percebe ou como ele é quem ele é: demonstra que às vezes falta às pessoas o conhecimento de termos que descrevam adequadamente a si e suas experiências. Por isso a efervescência de novos termos identitários é importante ao dar vazão

para outros modelos de interpretação das identidades de gênero.

Dessa forma, é significativo como o gênero se constrói por meio de discursos e regulações sociais. A artificialidade do que é considerado masculino e feminino destaca-se nas falas e são nos discursos em torno dos corpos que se constroem as expectativas em torno de gênero.

Destaco ainda a rede de trocas de informações, compostas por grupos de bate-papo e páginas em redes sociais, que aparecem tangencialmente nas falas como espaços de suporte, intercâmbio de experiências e dados sobre medicamentos, médicos e outros serviços. Esses espaços, de certa forma, substituem os precários meios oficiais de acesso à informação, especialmente no que diz respeito aos procedimentos médicos, como a hormonioterapia e cirurgias específicas. Quando os serviços são públicos e gratuitos, são muitas vezes atrelados a diagnósticos patologizantes e procedimentos demorados. Quando privados, os tratamentos e acompanhamentos são de difícil acesso por serem caros. As redes se fortalecem como meio de indicar hormônios, dosagens e médicos dispostos a acompanhar cada caso.

Por fim, a passabilidade, conceito êmico relacionado à aceitação da identidade de gênero com a qual a pessoa se identifica, aparece nas falas como um ponto importante para o conforto emocional. A sensação de não “passar” traz consigo desde incômodo até medo de violências maiores, caso elas não aconteçam. Novamente, aqui, é o discurso padrão que vai normatizar o que é e o que não é aceito como um corpo que representa cada gênero. Interlocutoras e interlocutores se mostraram conscientes dos aspectos construídos desse padrão e cientes do jogo duplo que fazem: ao mesmo tempo questionando os padrões já estabelecidos de masculinidades e feminilidades e trabalhando da forma como podem para utilizá-los a seu favor, aumentando sua passabilidade, como uma estratégia de validar suas identidades. Essa é uma incoerência apenas na aparência, pois percebem que se tratam de estereótipos e se posicionam de forma contrária a eles, trabalhando nos limites da aceitação.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Guilherme. A propósito da discussão de feminilidades trans: notas sobre invisibilização, cidadania corpo e processo transexualizador. In: SILVA, Daniele Andrade da; HERNÁNDEZ, JIMENA de Garay; SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes, UZIEL, Anna Paula. *Feminilidades: Corpos e sexualidades em debate*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. 272p.
- ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: A emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Plural, 2014. 266p.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256p.
- \_\_\_\_\_. A diferença que faz a diferença. *Bagoas*, n.4, p. 95-112, 2009.
- BENEDETTI, Marcos. A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição. *Boletín Ciudadania Sexual*, v.11, p.5-8, 2004.
- BONASSI, Brune Camilo. *Cisnorma: Acordos societários sobre sexo binário e cisgênero*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas,

- Universidade de Santa Catarina, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do Sexo*. In: LOURO, Guacira, Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.
- CAZARRÉ, Marieta. *Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>>. Acesso em: 06 de maio de 2016.
- DUQUE, Tiago. *Da finada à europeia: experiências de ser, não permanecer e estar travesti na adolescência*. *Bagoas*, n.7, p.173-198, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 236p.
- GOLDENBERG, Miriam. *Gênero, “o corpo” e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira*. *Saúde e Sociedade*, v.20, n.3, p. 543-553, 2011.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, Donna; HARI, Kunzru; TOMAZ, Tadeu (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HEILBORN, Maria Luiza. *“Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social”* In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.
- HORMÔNIOS Femininos - Travestis e Transexuais. *Transexualidade*. Disponível em :<<http://reicla-trans.blogspot.com.br/2011/04/hormonios-femininos-travestis-e.html>>. Acesso em: 15/11/2015.
- LAURETIS, Teresa de. *Technologies of Gender: Essays on theory, film and fiction*. Indianapolis: Indiana University Press, 1987. 152p.
- LOPES, Débora. *O brasileiro que manja tudo da arte de fabricar pintos*. Disponível em: <[http://www.vice.com/pt\\_br/read/packers-tboy-david-vimmermann](http://www.vice.com/pt_br/read/packers-tboy-david-vimmermann)>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.
- MALUF, Sonia Weidner. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. *Esboços*, v.9, n.9, p. 87-101, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 143-153, 2002.
- MARTINELLI, Andréa. *Após 28 anos, OMS deixa de classificar transexualidade como doença mental*. *HuffPostBrasil*. Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa>>

- de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms\_a\_23462157/>. Acesso em: 09/08/2018.
- MAUSS, Marcel. Noção de técnica do corpo. In: \_\_\_\_\_ *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p.399-422.
- MURTA, Daniela. Entre o “transexualismo verdadeiro” e a diversidade de experiências trans: uma discussão crítica sobre a produção da identidade transexual universal. In: SILVA, Daniele Andrade da; HERNÁNDEZ, JIMENA de Garay; SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes, UZIEL, Anna Paula. *Feminilidades: Corpos e sexualidades em debate*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.2, p.9-41, 2000.
- PARREIRAS, Carolina. Fora do armário... dentro da tela: Nota sobre avatares, (homo) sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (org). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, n. 24, p.217-248, 2005.
- \_\_\_\_\_. Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Campos*, n.6, p.97-112, 2005.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014. 224p.
- SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 224p.
- VELHO, Gilberto. *Nobres & Anjos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. 214p.
- VENCATO, Anna Paula. *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013. 274p.

**autora****Isabel Wittmann**

É doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, com mestrado também em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas.

**Recebido em 22/08/2018**  
**Aceito para publicação em 04/12/2019**